

# Um pouco além do espelho de Bela\*

A little beyond Bela's mirror

Susana Ventura<sup>1</sup>

---

\* As notas indicadas ao longo do texto estarão disponibilizadas no final do artigo para consulta do leitor.

---

---

**RESUMO:** Ensaio que parte do conto “A Bela e a Fera” de Jeanne-Marie Leprince de Beaumont, publicado em 1756 para tecer considerações sobre a obra de que faz parte e das várias questões que o conto mobiliza.

**PALAVRAS-CHAVES:** Jeanne-Marie Leprince de Beaumont, conto de fadas, século XVIII francês, educação de jovens meninas

**ABSTRACT:** Essay that analyzes the fairy tale “Beauty and the Beast” by Jeanne-Marie Leprince de Beaumont, first published in 1756 to think about the book *Le magasin des enfants* and the various possibilities showed by the tale.

**KEYWORDS:** Jeanne-Marie Leprince de Beaumont, fairy tales, XVIII century in France, education of young girls.

Ela abriu a biblioteca e viu um livro no qual estava escrito em letras de ouro: “Deseje! Comande! Aqui você é senhora e rainha.” “Pobre de mim! – suspirou ela –, “eu não desejo mais nada senão ver meu pobre pai e saber o que ele está fazendo agora”. Ela tinha dito isso apenas dentro de si. Qual não foi sua surpresa quando, dirigindo o olhar a um espelho, pôde ver sua casa onde seu pai chegava com um semblante extremamente triste. (“A Bela e a Fera”, Jeanne-Marie Leprince de Beaumont, tradução de Maria Valéria Rezende)<sup>2</sup>

“A Bela e a Fera” é o único conto de fadas de autoria feminina conhecido do grande público ocidental nas primeiras décadas do século XXI. Do repertório mais tradicional, presente nas antologias mais correntes,<sup>3</sup> ele é o único a descrever uma biblioteca, a da Fera, onde Bela pode ler o que quiser. No trecho em destaque, ao abrir a biblioteca, ela vê imediatamente um livro em que estão escritas palavras que dizem que é livre para desejar e comandar, pois ali ela é senhora e rainha.

Bela sabe ler.

1756 parece ter sido o ano da primeira publicação do livro em que está o conto e nele a protagonista Bela, que é filha de um grande comerciante que faliu, sabe o que a maior parte da população francesa não sabe: ela sabe ler. Saberá também escrever? O conto não revela isso.

Há poucos dados sobre a educação das mulheres na França durante os séculos XVII e XVIII<sup>4</sup>, mas sabemos que, em 1698 (quando *Contos dos tempos passados* de Charles Perrault e *Contos de fadas*, de Marie-Catherine D’Aulnoy acabavam de ser lançados, no auge da primeira moda europeia dos contos de fadas) um decreto real determinava que os responsáveis pelos aglomerados urbanos assumissem o compromisso de terem professores homens e professoras mulheres e também instava os pais a mandarem suas crianças para a escola, onde deveriam ficar até a idade de 14 anos. Em 1724, outro decreto real reforçou essas diretrizes. Ao que tudo indica esses decretos não foram plenamente cumpridos, especialmente no que diz respeito à educação para meninas e elas, de todas as classes sociais, continuaram, em sua maior parte, iletradas.<sup>5</sup> Ou sabendo apenas ler.<sup>6</sup> A contratação de professores era de âmbito regional e sabemos

que era bastante difícil conseguir professoras. Muitas vezes, quando o professor era casado, sua esposa exercia a função de professora das meninas enquanto ele ensinava os meninos. Há documentos que mostram que o ensino para as meninas, quando existia em muitas dessas escolas, era realizado num ‘canto’ da sala de aula dos meninos, onde a professora se cercava de suas alunas e ensinava.

Bela, nossa personagem, sabe ler, o que é muito precioso e por isso o livro que ela vê ‘fala’ com ela. Em letras de ouro ela decifra aquilo em que, a princípio, não consegue acreditar: ela pode desejar, pode comandar, ali ela é senhora.

Como leitora treinada, Bela conversa em silêncio consigo mesma, duvidando do que acabou de ler: “Pobre de mim, eu não desejo mais nada senão ver meu pobre pai e saber o que ele está fazendo agora”. Na sequência ela, surpresa, vê, num espelho que está no aposento, a imagem de seu pai chegando em casa. O livro estava certo, ela comanda e pode ter seus desejos realizados.

O conto “A Bela e a Fera” é uma parte de um livro chamado *Magazine das crianças*. Quando sua autora, Jeanne-Marie Leprince de Beaumont (1711- 1780) o publicou, ela era uma experiente preceptora e o longo subtítulo que deu à sua obra foi “diálogos de uma sábia preceptora com suas alunas de primeira distinção, nos quais se faz a juventude pensar, falar e agir segundo o temperamento e as inclinações de cada uma... Aqui apresentamos os ‘defeitos’ da idade e mostramos de que maneira podemos corrigi-los; também nos aplicamos para tanto “formar os corações quanto esclarecer as mentes”.<sup>7</sup> Jeanne-Marie viveu no Reino Unido e a escolha do título foi uma inovação completa. “Magazine” é uma palavra derivada do árabe e foi inserida no Ocidente a partir do século XIII, sendo empregado em várias línguas neolatinas com o sentido de ‘depósito de suprimentos’. Desde o século XVI, com a popularização dos impressos no Reino Unido ‘magazine’ também era usado com o sinônimo de ‘revista’ e de ‘coleção ou arsenal de informações’. No tempo em que Jeanne-Marie vivia por lá, ‘magazine’ era, além disso, sinônimo de publicação periódica. A autora fez propaganda do volume em que está “A Bela e a Fera” já supondo que aquele seria o primeiro de uma série de volumes destinados a formar a juventude, e que, se bem recebidos e recebendo assinatura, teriam periodicidade anual.

Nas palavras da autora: “Se os pais tiverem a bondade de ler este primeiro volume, se acreditarem que ele seja útil o bastante para as crianças para desejar sua continuação, devem solicitar aos seus amigos que façam parte de um pequeno número de assinantes para o próximo ano, sem o que me restará abandonar tudo.”

As coisas não saíram exatamente como a autora desejava – como na maior parte dos projetos pessoais e editoriais desde sempre. Mas ela chegou a fazer várias outras publicações que tinham em seu título a palavra “Magazine”. Ao todo, durante a vida, ela publicou cerca de 70 títulos, parte deles eram manuais muito bem recebidos para educação de diversos grupos.

Jeanne-Marie, nascida apenas Marie em 1711, se casou por amor e não por conveniência, o que revelava que a classe social não era tão elevada para que seu casamento representasse um negócio para sua família e as demais de seu círculo. Divorciou-se com uma filha pequena, alegando infidelidade constante do marido, o que mostra sua disposição em fazer valer sua vontade. Já com reputação construída na França, mudou-se para o Reino Unido (ao que tudo indica a partir de 1745), onde foi também reconhecida como preceptora altamente instruída e contratada por famílias inglesas.

Os livros disponíveis para educação de crianças eram poucos, entre eles estavam *As aventuras de Telêmaco*, do próprio Fénelon e *História de Gil Blas de Santillana*, de Alain-René Lesage, clássicos lidos, sobretudo, por garotos desde suas publicações em 1699 e 1715. *As aventuras de Telêmaco* foi uma publicação dedicada ao então príncipe francês, pensando em sua educação e *História de Gil Blas* é uma aventura de natureza picaresca.

Parece ter sido a falta de livros para crianças e, especialmente, o distanciamento que o material disponível apresentava com relação à experiência de ser menina que fez com que ela escrevesse para suas jovens alunas. Em vez de retratar apenas figuras mitológicas ou personagens literários, Jeanne-Marie retratou crianças que se pareciam com suas próprias alunas, que tinham idades entre 5 e 12 anos<sup>8</sup>, e escreveu diálogos similares aos que ela mesma deve ter tido com elas. Para a criação de sua obra parece clara a inspiração num livro publicado em 1749 no Reino Unido, *The governess or Little Female Academy*, de Sarah Fielding onde uma governanta ou pre-

ceptora interage com suas jovens alunas. O livro tem dois contos de fadas inseridos em sua narrativa e Jeanne-Marie ampliou e aprofundou tanto em dimensão (seu *Magazine das crianças* é aproximadamente cinco vezes maior que o livro de Sarah Fielding) quanto em construção de personagens e no desenvolvimento de uma trama que sustente a narrativa principal.

O *Magazine das crianças* foi publicado em quatro partes, divididas em volumes (dois ou quatro, dependendo da edição). Edições posteriores reuniram o conteúdo num único tomo. E o que temos como conteúdo? São vinte e sete “diálogos” ou “sessões”, em que meninas pré-adolescentes conversam entre si e com uma preceptora e onde são apresentadas informações sobre geografia, história, mitologia, religião, ciência e filosofia, além de “belas histórias”, contos de fadas e passagens bíblicas resumidas.

Os contos de fadas aparecem como uma pausa, esperada e solicitada pelas personagens-meninas de tempos em tempos. Após o conto, a conversa toma rumos diversos, explorando aspectos do que foi narrado ou estendendo as discussões para temas correlatos. Imediatamente após “A bela e a fera”, por exemplo, a preceptora aborda o ciclo de vida das borboletas e fala das lagartas e de seu casulo para dizer que “O bom Deus que as criou dá a elas tudo que é necessário para viverem e se conservarem. Assim, elas têm em seu corpo uma loja, onde encontram ferramentas necessárias para fazer sua casa”. Para os leitores do que era publicado na França da época, o paralelo remete a uma fábula de François Fénelon (1651-1715) na qual abelhas e bichos da seda brigam por uma causa justa: “a glória das invenções úteis”, diante dos deuses do Olimpo. O conjunto de conhecimentos disponíveis na época é, então, literatura neste formato inventado pela autora, o “Magazine”, em que encena a vida cotidiana de um grupo de meninas em sua relação com a preceptora, sendo que tanto a narrativa principal quanto sua ficção colocada em moldura são construídas numa linguagem atraente às jovens leitoras e conseguem abordar, de maneira eficiente, saberes considerados muito relevantes para aquela sociedade (e logo para várias dos países do entorno, que a traduziram num curto espaço de tempo).

O mencionado Fénelon havia publicado em 1687 *A educação das jovens*, livro que era visto por muitos na primeira metade do século XVIII como um bom guia

para a educação feminina. Françoise d’Aubigné, Madame de Maintenon (1635-1719) fundara em 1686 a Casa Real de Saint-Louis em Saint Cyr, internato para instrução de meninas da nobreza empobrecida, e tanto Fénelon quanto Maintenon eram considerados pedagogos respeitados.

No estabelecimento fundado por Maintenon eram desenvolvidas habilidades de leitura, escrita, estudo de aritmética, de vidas de santos, desenvolvidos trabalhos de costura e bordado e incentivado o teatro a partir de obras morais e religiosas. Fénelon colocava a ênfase em habilidades domésticas e práticas e propunha que fossem ensinados princípios de Direito, aritmética, e conhecimentos sobre como selecionar empregados e ganhar seu respeito e amor. Habilidades intelectuais para ele seriam resumidas a leitura, escrita, habilidade em soletrar e gramática. Nada de línguas estrangeiras – como o castelhano, muito importante à época – se houvesse o ensino de alguma língua seria latim a escolha. Segundo ele acreditava, o estudo das línguas estrangeiras poderia “aumentar a fraqueza natural das mulheres”. Já os talentos artísticos eram tolerados, mas nunca encorajados.

Neste contexto, Jeanne-Marie avança bastante. Sua vida se parece com a da narrativa de muitos contos de fadas. Morta a mãe quando ela era pré-adolescente, seu pai se casou novamente com uma mulher que, ao que tudo indica, não queria a enteada por perto. A solução, que juntava, como à época era desejado, educação e conveniência, foi enviá-la a um convento. Porém, embora a permanência de meninas aristocratas em conventos costumasse variar entre dois e três anos a partir da puberdade, ela ficou num deles por dez anos. Algumas biografias afirmam que ela demonstrava vocação eclesiástica e que, por isso, permaneceu tanto tempo no convento. Não há um entendimento pacífico sobre isso, mas interessa saber que, durante sua permanência na instituição Jeanne-Marie ensinou meninas e que, dez anos depois, ela voltou a morar na casa do pai por um curto período, sendo logo contratada para preceptora da filha de uma família nobre.

Durou dois anos o contrato de trabalho, até o casamento de sua aluna, e naquele período ela conviveu com muitos intelectuais, artistas e teve acesso a novas publicações de autores e autoras que estavam em atividade.<sup>9</sup>

Para as classes superiores da França da época, a educação feminina era realizada em casa, pela mãe e, se houvesse recursos, por uma preceptora que ensinava o que soubesse, sendo complementada por professores específicos para ensinar música e dança (Jeanne-Marie dava aulas de música para sua nobre aluna). No início da puberdade, dois ou três anos em estabelecimento conventual.

Os relatos do que acontecia em âmbito doméstico e depois nos conventos (para as meninas que a eles foram), provém, como seria esperado, de mulheres mais abastadas, que depois de mais velhas escreveram ou ditaram a escrita de livros, memórias e cartas nas quais rememoram suas vidas. Num patamar menos elevado, uma faixa média e média alta, estiveram várias daquelas que, como Jeanne-Marie, se tornaram escritoras. Vivendo neste mesmo nível está a personagem Bela, filha de um rico comerciante, que teve boa educação, mas que se viu empobrecida quando alcançou a adolescência. Sobre a vida dessas pessoas dos patamares médio e médio alto pouco se sabe, infelizmente. E sobre as meninas do povo, lamentavelmente menos ainda: só o que algumas estatísticas conseguem mostrar em termos da educação regional propiciada nos conglomerados urbanos onde, quando havia escolas elas quase nunca tinham professoras.

Para as aristocratas, cujos casamentos representavam parte de um jogo político, e para suas famílias que desejavam ascensão social de suas filhas (e a própria melhora de estatuto social), como já mencionado, o período em convento era um complemento da educação oferecida em casa e, naturalmente, havia conventos específicos para a realeza e outros para alta burguesia.<sup>10</sup>

Jeanne-Marie se casou por amor e não por conveniência. Divorciou-se com uma filha pequena, alegando infidelidade constante do marido. Em dado momento, já livre dos laços matrimoniais, mudou-se para o Reino Unido, onde continuou a construção de uma vida de trabalho como educadora e idealizou parte das publicações que a tornariam conhecida e permitiram que tivesse um final de vida tranquilo na França, numa propriedade rural adquirida com o dinheiro de seu trabalho.

A escolha do repertório interno de histórias que foram inseridas em *Magazine das crianças* para serem contadas pela preceptora em alguns momentos, mostra a abrangência que a autora quis e conseguiu dar ao universo que mostrava para suas alunas

e depois para suas leitoras “A Bela e a Fera” e “Orlando e Angélica”, por exemplo, são recontos muito bem realizados de obras mais extensas publicadas anteriormente por outros autores (Gabrielle-Suzanne Barbot de Villeneuve e Ludovico Ariosto, respectivamente). “Aurora e Amada” é um conto filosófico com lances de folhetim, “O príncipe Titi” tem ares de epopeia. Não faltam os contos de personagens contrastantes como “Belinda e Feiosa”, “Azarado e Sortudo” e, pelo menos, uma facécia, “Conto dos três desejos”.

Pela linguagem do *Magazine* como um todo, mas especialmente na empregada nesses contos de fadas inseridos na narrativa, a autora conquista, como Scherazade, suas “ouvintes” representadas pelas alunas na ficção interna da obra, e constituídos, pela leitura do livro, por gerações e gerações de leitores posteriormente.

Sobre afirmação de possibilidades de escolha das mulheres – embora sempre muito circunscrita na obediência ao estabelecido – há mais um dado curioso sobre a biografia da autora, que convém trazer neste momento. Durante muito tempo pairou entre os que estudavam sua obra uma dúvida: seu prenome era Marie, qual o motivo de ter passado em muitas publicações a ser Jeanne-Marie? Em anos recentes descobriu-se que ela nasceu Marie e mudou seu nome por vontade própria. O que parece um simples detalhe não é realmente algo pequeno, pois mostra a afirmação de uma identidade escolhida por si mesma, o que completa o quadro das decisões tomadas ao longo da vida.

A única personagem do conto que sobreviveu de sua vasta obra, Bela, também toma várias decisões a partir da descoberta realizada na biblioteca (embora estritamente dentro da ordem do casamento, para o qual entrou pelas mãos do pai): o livro ali, parte da biblioteca que abre certas portas, apresenta-se como um meio de descobrir que a situação que ela vivia poderia ter diferentes encaminhamentos.

O espelho que mostra as pessoas que ela deseja ver e que estão distantes no espaço antecipa em muito nosso mundo contemporâneo. E para além de Bela, seu livro e seu espelho ‘mágico’, o que há nos demais contos de fadas do *Magazine das crianças*? Um conjunto, recontado de fontes que talvez seja possível retrazar com alguma precisão, e que ajudam a preceptora da ficção, e a autora fora da ficção, no seu trabalho

de educar meninas das classes altas e prepará-las para os desafios da vida (uma vida estreitamente determinada pelo casamento que deveria, com a ajuda de algum estudo, ser uma aliança socialmente interessante).

Em que pese a ênfase no desenvolvimento de virtudes e do cultivo da fé da Providência Divina, vemos no conjunto de escolhas que a inteligência não é subestimada (mas continua sendo condicionada a servir dentro de uma situação de conveniência social estruturada no casamento).<sup>11</sup>

*Magazine das crianças*, em sua totalidade, apresentou todas as condições para ter se tornado o clássico da época, exatamente por atender aos requisitos sociais mais apreciados pelas classes dominantes. Foi traduzido com brevidade para alemão e castelhano e foi lido em quase todos os países europeus. Com o passar dos séculos, curiosamente, foi esquecido quase em sua totalidade, com exceção do conto *A Bela e a Fera*.

De volta à cena da biblioteca, quando Bela encontra o livro em que estão escritas, em letras douradas, as palavras que a fazem perceber que ela comanda e pode desejar o que quiser, que outros livros estariam por ali? Afinal, tratava-se de uma biblioteca. O que um aristocrata dono de um palácio com biblioteca teria em suas estantes por volta de 1750? Ele deve ter lido na juventude tanto Fénelon quanto Lesage e com certeza havia aprendido grego e latim, possivelmente castelhano, alemão e inglês. Quais seriam os outros livros que estariam naquela sala?

O pesquisador Peter Bjorn Kerber nos revela<sup>12</sup> que, cinquenta anos antes do relato de Jeanne-Marie ser publicado, no século XVIII, para a elite francesa, ler, solitária ou comunalmente era parte do cotidiano e era considerado chique. Havia a ideia de que a leitura melhorava as pessoas e, portanto, após as primeiras obrigações do dia: se arrumar, tomar a primeira refeição e responder à correspondência, havia pelo menos duas horas dedicadas à leitura.

Havia um repertório comum, composto por História Antiga, Mitologia grega e romana, Fábulas de Esopo, Fedro e La Fontaine (as últimas publicadas em 1668, e teve grande popularidade por pelo menos um século), *As mil e uma noites* (conforme publicadas por Galand, em volumes, entre 1704 e 1717).

Essas leituras constituíam um repertório comum que aparece nos textos que

vão sendo publicados. No próprio *Magazine das crianças* observamos ecos de *Cândido* de Voltaire (no conto “Aurora e Amada”), das *Mil e uma noites* (o professor em “O príncipe Querido” se chama Suleiman), e de História Antiga (em “O príncipe Titi”). Porém, será naqueles mencionados dois recontos de livros para adultos que, com maior transparência, vemos o aproveitamento de repertório comum. Nas releituras de textos clássicos, vemos apropriações para a leitura por jovens do que constituía o principal conteúdo simbólico veiculado pela escrita fruída pela elite francesa.

A biblioteca não voltará a ser mencionada em outra parte da história de Bela. Mas, investigando mais sobre o passado, chegamos ao texto de partida da autora, o conto de fadas de Gabrielle-Suzanne Barbot de Villeneuve (1685-1755). Em 1740, ela publicou *A jovem americana e contos marinhos*, e neste livro estava o conto de fada *A Bela e a Fera*. Não era o primeiro livro da autora, que já publicava desde 1734, e tirava da atividade editorial grande parte de sua renda.<sup>13</sup> Não era aquele um livro pensado para jovens leitores, e sim para os leitores possíveis daquela sociedade. A autora parece ter sido frequentadora dos salões parisienses e possivelmente desfrutava e participava dos jogos de contar histórias que aconteciam nesses ambientes. Seu conto, longo para a dimensão do que hoje é considerada a média para um conto de fadas, narra, com riqueza de detalhes, a história que conhecemos, mas não se detém com a transformação de Fera num belo príncipe, que se casa com Bela. A narrativa é bem mais complexa e antes da quebra do encanto Bela, que encontrara Fera moribunda, consegue reavivá-lo e vai com ele, em sua forma monstruosa mesmo, para o leito conjugal, onde ele dorme imediatamente. Em sonhos, como acontecia desde a primeira noite que passou no palácio de Fera, Bela é visitada por um belo desconhecido e, ao despertar, encontra ao seu lado a réplica da adorável figura, que lhe explica que estava preso de um encantamento. Na mesma manhã, Bela é visitada pela sogra e por uma fada. A sogra, após saber que Bela não é nobre, manifesta seu desagrado com a aliança feita pelo filho (Fera sim, que provavelmente seria rejeitado por qualquer mulher, mas, para a mãe, a questão de classe é primordial). Ofendida, Bela abre mão do casamento e a fada revela que tem um meio de apaziguar a situação, pois tem um dado que é desconhecido: Bela tem, afinal, origem nobre. Segue-se à revelação um longo capítulo, “A história

da Fera”, em que, em primeira pessoa, o príncipe/Fera narra sua história. São, então, revelados aspectos do passado e complexas teias de relacionamentos dignas de um bom folhetim – gênero que se tornaria popular décadas depois.<sup>14</sup> Jack Zipes chama a atenção para essa questão de classe na obra de Gabrielle-Suzanne e a diferença para o conto de Jeanne-Marie, em que não parece haver qualquer problema no casamento entre uma filha de comerciante (falido, ainda por cima) e um príncipe.<sup>15</sup>

Como seria a relação de Bela com os livros na obra de Gabrielle-Suzanne? Ela encontra a biblioteca – e também uma coleção de quadros uma sala de música – em seu primeiro reconhecimento da nova casa.

Deixando esse quarto, ao passar por uma galeria repleta de quadros, encontrou ali o mesmo retrato em tamanho natural, que parecia contemplá-la com uma atenção tão amorosa, que a fez corar, como se aquela pintura fosse o próprio modelo ou ela estivesse diante de testemunhas de seu pensamento. Continuando o passeio, viu-se numa sala equipada com os mais variados instrumentos musicais. Sabendo tocar quase todos eles, testou alguns, dando preferência ao cravo, pois se harmonizava mais com sua voz. Dessa sala passou a outra galeria, semelhante à dos quadros, onde havia uma imensa biblioteca. Gostava de ler, e, desde sua mudança para o campo, tinha se visto privada dessa atividade. Seu pai, devido à desordem em seus negócios, fora obrigado a vender todos os livros. Sua paixão pela leitura podia facilmente ser saciada naquele local e protegê-la do tédio da solidão. (“A bela e a fera”, Gabrielle-Suzanne de Villeneuve, tradução de André Telles)<sup>16</sup>.

O conto de Gabrielle-Suzanne se destacou do conjunto em que foi publicado e fez sucesso imediato. Apenas dois anos após sua publicação, a peça de teatro *Amor para Amor*, de Nivelle de la Chaussée faria a primeira adaptação teatral da complexa trama. A segunda adaptação conhecida é a de Jeanne-Marie Leprince de Beaumont e antes do final do século XVIII haveria pelo menos mais duas, que partiriam desta segunda obra: uma ópera-balé, *Zémire e Azor* (Marmontel e Gréty, 1771) e uma comédia, *A Bela e a Fera* (Stéphanie-Félicité de Genlis, 1779).<sup>17</sup>

A grande repercussão se deve, sem dúvida, à qualidade do texto de Gabrielle-Suzanne, ao papel central que as artes desempenham na trama de sua narrativa, além

do aprofundamento psicológico dado à protagonista. A protagonista Bela vê espetáculos a partir de seu palácio: óperas, tragédias, comédias, concertos sinfônicos. Também observa quadros, toca instrumentos e canta, lê livros<sup>18</sup>, tudo o que é valorizado pelos leitores de sua obra e produtores de cultura no período. Há ampla exploração da vida interior da personagem e é conferida ênfase aos sonhos dela e o que neles acontece. A autora escrevia para leitores de seu tempo, adultos já acostumados aos contos de fadas (a primeira moda de composição e publicação ocorrera na década de 1690 e ela cria seu conto cinquenta anos depois disso) e, além disso, atentos a questões de classe.<sup>19</sup>

Tomando as publicações de Gabrielle-Suzanne e de Jeanne-Marie, voltadas a públicos diferentes, temos que, por duas vezes, um único conto se destaca do conjunto e gera repercussão, leituras e reedições. Mas histórias em torno de um noivo que se apresenta como animal aparece também, com constância notável, em repertórios da tradição oral que seriam posteriormente recolhidos em muitos quadrantes do mundo e classificados, no início do século XX como parte do Ciclo do Noivo Animal<sup>20</sup>. Essa espécie de rio subterrâneo de narrativas que atravessa os séculos, dos tempos mais antigos até o momento em que essas palavras são escritas, e continuam em direção ao futuro, é algo intrigante e não suficientemente estudado.

Mas os dois contos examinados aqui, fazem parte de publicações que chamo “de afirmação de autoria e escrita de autoria feminina” e ambos dão ênfase a livros, leitura e a uma biblioteca específica em suas tramas. Termino este ensaio pensando que, se desejássemos, como Bela, saber o que se passa, não em sua casa de campo, mas em outras bibliotecas similares onde outras mulheres puderam mergulhar nos séculos XVII e XVIII, que imagens e narrativas se revelariam diante de nossos olhos?

## Notas

1 Doutora em Letras pela USP, Universidade de São Paulo, venturaras@gmail.com

2 Conto publicado em VENTURA, LESLIE e ASSE (2019)

3 Como *Contos de fadas de Perrault, Grimm, Andersen e outros* (AAVV, 2010), obra constante nas referências bibliográficas.

4 O interesse da pesquisa de que este ensaio faz parte é exclusivamente sobre a escrita de autoria feminina e por isso os dados enfatizados são, em sua maior parte, referentes às meninas e mulheres, seja no âmbito do ensino, quanto no da escrita e publicação.

5 Do ensaio da professora Samia I. Spencer “Women and Education” (em livro citado nas referências bibliográficas, em texto às páginas 83 e 84, com tradução de trabalho realizada por mim):

Há poucas áreas nas quais o espírito crítico do século XVIII foi expresso tão vigorosamente e profundamente quanto no que diz respeito à educação, particularmente à educação feminina. Discussões e escritos sobre o tópico não estiveram limitados aos educadores profissionais (Rollin, Reballier, Abade de Saint-Pierre, Mme. de Genlis ou Mme. Campan), aos filósofos (Montesquieu, Voltaire, Rousseau, Diderot, Helvécio ou Condorcet), ou até mesmo aos romancistas (Restiff de la Bretonne, Choderlos de Laclos, Sade ou Bernardin de Saint-Pierre). Pelo contrário, a educação de mulheres foi um tema central de debate entre a sociedade polida nos Salões Parisienses e o foco de atenção de um público muito mais amplo através do país, conforme demonstrado pelo número de competições sobre o tema propostas por várias academias de província.

A despeito do volume do material disponível sobre o tema, é difícil obter uma avaliação das práticas educativas do período. A maior parte dos tratados, panfletos, brochuras e livros tratando do assunto consistem em críticas às instituições existentes e propostas de projetos para reformas. Não há estudo sistemático deste tema que tenha sido publicado, nem no século XVIII, nem nos séculos subsequentes. Uma boa bibliografia revela que, a despeito do interesse contínuo no tema, há falta de material crítica e nenhum volume inteiro foi ainda dedicado a isso.

Em 1698 e novamente em 1724, decretos governamentais requeriam dos paroquianos o compromisso de terem professores homens e mulheres. Os pais eram demandados a enviar suas crianças para a escola até a idade de 14 anos, o que estabeleceu, ao menos em teoria, o princípio da educação compulsória. No entanto, esses decretos nunca foram plenamente colocados em prática (de maneira obrigatória) e a

falta de letramento continuou grassando mesmo entre as meninas de classes superiores e da burguesia. A famosa feminista e ativista política Olímpia de Gouges ditava suas obras para um secretário pois não sabia escrever. Mme. de Genlis nunca foi ensinada a escrever, aprendeu sozinha na idade de doze anos. As cartas da bem conhecida autora Mme. de Graffigny estão cheias de erros de ortografia. O caso mais notório talvez seja o das quatro filhas mais novas de Luís XV. Depois de muitos anos no convento, elas permaneciam iletradas, e uma delas, Mme. Louise aprendeu a ler apenas na idade de doze anos. Apesar da pobre qualidade de sua educação formal, muitas mulheres eram capazes de completar sua própria educação independentemente, algumas delas adquirindo rara proeminência no campo da auto-educação.

A obra de Fénelon, *A educação das jovens* (escrita em 1685 e publicada pela primeira vez em 1687) e a Casa Real de Saint Louis em Saint Cyr de Mme. de Maintenon (fundada em 1686) eram vistas por muitos da primeira metade do século XVIII como o ideal da educação feminina. Ambos os pedagogos rejeitavam o papel da mulher como um ser ocioso e propunham uma nova identidade – aquela da esposa virtuosa, mãe devotada e bem informada dona de casa que espalhava felicidade para todos à sua volta. Eles enfatizavam a importância das virtudes morais e força – qualidades que acreditavam que não eram naturalmente da natureza feminina. O papel da educação, portanto, era corrigir as *más inclinações* à fraqueza (suavidade) e *coquetterie* e proteger as mulheres das más tendências à “natural fraqueza de seu sexo”, isto é dissimulação, astúcia, tendência aos ardis e aos excessos.

6 A capacidade de leitura não está sendo subestimada, mas, tendo como base os livros da época em que o assunto da educação feminina é abordado, fica evidente que era difícil, mesmo no âmbito conventual, encontrar quem ensinasse escrita. O mesmo ensaio de Samia I. Spencer mostra que várias das escritoras provenientes das classes mais altas ditavam suas obras por não saber escrever.

7 Edições posteriores têm subtítulo mais curto e um tanto diferente: “diálogos de uma sábia preceptora com suas alunas de primeira distinção, nos quais se faz a juventude pensar, falar e agir segundo o temperamento e as inclinações de cada uma... Apresentamos aqui um compêndio de história sacra, fábula, geografia, etc e tudo pleno de reflexões úteis e contos morais”.

8 Cf.(ZIPES, 2006, p. 77).

9 No ensaio “Madame de Beaumont e a versão clássica de *A bela e a fera*”, assinado pelo editor Rodrigo Lacerda e contido na edição brasileira de *A Bela e a Fera*, obra citada nas referências bibliográficas, páginas 14 e 15, sobre a saída de Jeanne Marie do convento e a sua contratação: “Dez anos depois,

em 1735, desistiu da vida eclesiástica e foi residir com o pai na região nordeste da França. Quase imediatamente, viu-se contratada pela corte austro-francesa instalada na comuna de Lunéville, região da Lorena, onde por dois anos serviu como preceptora, dama de companhia e professora de música da primogênita do falecido Leopoldo de Lorena, Elisabeth-Thérèse. Durante esse breve período de vida cortesã, Jeanne-Marie conheceu grandes intelectuais da época, Jeanne-Marie conheceu grandes intelectuais da época, entre eles Voltaire, admirador do duque Leopoldo, e entrou em contato também com o trabalho de escritoras contemporâneas, como Émilie du Châtelet, Françoise de Graffigny, Madame de La Fayette e Madame de Tencin, e do expoente da literatura feminina medieval, Christine de Pizan, obras que certamente a estimularam a tentar a sorte nas letras.”

**10** O ensaio da professora Samia I. Spencer, (SPENCER 1984), em tradução de trabalho realizada por mim:

“A educação de meninas de todas as classes sociais era, então, quase exclusividade das ordens religiosas. A primeira educação das filhas das classes altas era feita em casa. Usualmente, a governante estava encarregada do básico: ler e religião, enquanto tutores privados cuidavam da instrução em cantar, dançar e fazer música. Depois, meninas eram enviadas para um convento, de onde saíam, no início da adolescência para serem casadas. Fontevrault, Panthémont e La Présentation estavam entre os conventos exclusivos reservados às princesas reais da França e às filhas da mais alta nobreza. Famílias estavam mais ansiosas para enviar suas filhas para essas instituições porque desejavam que elas cultivassem essas relações que poderiam assegurar posições no círculo íntimo de alguma princesa ou rainha. Em geral, a vida das jovens não era isenta de bons momentos. Em algumas instâncias, as pensionistas eram acompanhadas por suas próprias preceptoras e estavam autorizadas a receberem visitas femininas em seus apartamentos privados. Frequentemente mercadores eram admitidos aos conventos para vender suas mercadorias às residentes. Eventos sociais não eram raros, estudantes podiam se entreter umas às outras com chás e jantares elegantes. Mulheres casadas eram hóspedes temporárias ou refugiadas permanentes nos conventos e, naturalmente, eram livres para se associarem às estudantes. De acordo aos irmãos Goncourt, essas instituições eram, de fato, cortes em miniatura, que trescalavam alegria. [...]

Esta visão romântica e idealizada, no entanto, é bastante ‘retocada’ e não dá uma visão nem realista nem completa do todo. As escritoras, descrevendo afetosamente este passado, negligenciaram mencionar as práticas terroríficas e as cruéis punições contadas por estudantes (segue-se passagem dizendo que,

em Fontevault as meninas eram punidas deixadas sozinhas nos lóculos onde as freiras eram enterradas e que Mme. Louise – filha de Louis XV – teria adquirido acessos de terror dos quais jamais se curou).  
[..]

A chocante falta de instrução entre professores era talvez a maior causa da ignorância das estudantes. Em suas memórias Mme. de Roland lembra sua experiência [numa das mais respeitadas instituições parisienses em 1765]. A instrutora mais competente, responsável pela tarefa mais árdua – o ensino da escrita – era uma velha freira de 70 anos [...e seus talentos provocavam inveja e ciúmes nas freiras de nível superior mas menos sabidas. As alunas, cujas idades variavam entre 6 e 18 anos eram simplesmente divididas em dois grupos].

Filhas da burguesia média eram educadas mais ou menos nos mesmos moldes, com pouca diferença. Primeira educação providenciada pelas mães e parentes próximos (sem preceptora). É o caso de Mme. Roland, que aprendeu catecismo com a mãe, desenho com o pai, Latim com um tio eclesiástico. Também recebeu educação em geografia, escrita, dança e música pela visita dos vários tutores, todos homens, pela quase ausência de mulheres professoras. Com as idades de 10 ou 12, as garotas burguesas freqüentavam conventos como os das Beneditinas, Augustinianas, Notre Dame, Visitandinas e Bernardinas, que providenciavam serviço de educação não apenas em Paris mas nas maiores cidades do interior.”

**11** Jack Zipes opina que a atitudes da autora em sua vida contrasta com o que mostram os contos em sua obra:

“Embora Mme. Leprince de Beaumont advogasse mais igualdade e autonomia para mulheres na sociedade, seus contos são contraditórios, na medida em que descrevem como meninas deveriam se domesticar, ajudar homens e provar seu valor demonstrando diligência e boas maneiras. Seria através de leitura, diálogo e aulas que as meninas deveriam socializar para avançar socialmente e a ‘fé’ de Mme. Leprince de Beaumont no poder da leitura dos materiais certos teriam um efeito muito difundido na maneira como os contos para crianças deveriam ser feitos e moldados na maior parte do século XVIII e através do século XIX.” (ZIPES, 1986, p. 77).

Em contraponto me parece que ela avança muito em relação ao que havia em termos de materiais para educação e que seus contos e o conjunto dos diálogos de *Magazine das crianças* possibilitam dar um salto em relação à autonomia mesmo em situação de restrição social.

**12** BREMER-DAVID, 2011, p. 236.

**13** Conforme consta nos dados biográficos da já citada edição da Zahar de *A bela e a fera*, a autora nasceu

em Paris em 1685, casou-se em 1706 e ficou viúva em 1711, ficando em péssima condição financeira. A partir de 1734, com a publicação de *A fênix conjugal*, a atividade como escritora passou a ser uma componente importante para sua subsistência. Ela publicou continuamente até o ano anterior ao de sua morte, 1754.

**14** No volume da Editora Zahar mencionado nas referências bibliográficas, o conto de Gabrielle-Suzanne ocupa 175 páginas enquanto o de Jeanne-Marie, 25.

**15** Analisa Jack Zipes:

“Enquanto Mme. Leprince de Beaumont representava uma perspectiva social em que a educação era essencial, sendo muito mais aberta à aliança entre a burguesia e a aristocracia (o que lhe garantiu muito do futuro sucesso), Mme. de Villeneuve era mais rígida ao desenhar comportamentos de classe e o que era ‘apropriado’ a cada uma.” (ZIPES, 1986, p.55).

**16** O livro está nas referências bibliográficas (VILLENEUVE, BEAUMONT, 2016, p. 140).

**17** O conto é realmente muito rico em referências que poderiam ser retomadas em releituras. No palácio, pelo artifício de abrir algumas janelas internas do palácio, Bela se vê transportada a teatros em que assiste desde peças de teatro a óperas e concertos. O papel das artes no conto de Gabrielle-Suzanne é bastante grande, e suas imagens muito evocadoras e poderosas.

**18** “Após terminar de se vestir, diferentes trabalhos de costura, livros e animais a ocuparam até o momento do teatro.”

**19** No conto, é colocada a questão de origem de Bela como impeditivo de casamento com o príncipe. Esta questão era muito presente nos contos de fadas escritos a partir de 1690. Lembro dois exemplos: “Fortuné”, de Marie Catherine d’Aulnoy, em que a jovem, criada como pobre camponesa é, em realidade, princesa e “Le prodige d’amour” de Catherine Durand, em que a jovem pastora é, por fim, uma princesa. Em ambos os contos, como no de Gabrielle-Suzanne, a classe social e a origem importam, e muito. São determinantes para o casamento.

**20** O sistema de classificação de contos populares, hoje conhecido como ATU, começou a ser formatado por Kaarle Krohn e Antti Aarne em 1910, passando por ampliações posteriores.

## Referências:

AAVV. *Contos de fadas de Perrault, Grimm, Andersen e outros*. Seleção de Maria Tatar. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Apresentação de Ana Maria Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

KERBER, Peter Bjorn. *Read to improve themselves in XVIII century Paris*. In BREMER-DAVID, Charissa. *Paris: Life and Luxury in the eighteenth century*. Chicago: Jean-Paul Getty Museum, 2011.

SPENCER, Samia I. (editor). *French Women and the age of Elightement*. Bloomington: Indiana University Press, 1984.

VENTURA, Susana; LESLIE, Cassia; ASSE, Roberta. *Na companhia de Bela: contos de fadas por autoras dos séculos XVII e XVIII*. Seleção, organização e comentários de Susana Ventura, Cassia Leslie. Ilustrações e projeto gráfico de Roberta Asse. Tradução de Maria Valéria Rezende, Maikon Augusto Delgado, Susana Ventura e Caroline Rodovalho. Londrina: Florear Livros, 2019.

VILLENEUVE, Gabrielle-Suzanne; BEAUMONT, Jeanne-Marie Leprince; BIANCARDI, Elisa. *La jeune americaine et les contes marins, La Belle et la Bete, Magasin des enfants*. Paris: Honoré Champion, 2008.

VILLENEUVE, Gabrielle-Suzanne; BEAUMONT, Jeanne-Marie Leprince. *A bela e a fera*. Tradução de André Telles. Ilustrações de Walter Crane e outros. Apresentação de Rodrigo Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

ZIPES, Jack. *Fairy Tales and the art of subversion*. NY/London: Routledge, 1986.

ZIPES, Jack. *Why fairy tales stick? The evolution and relevance of a genre*. NY/London: Routledge, 2006.